



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO *BULLYING*

ESPECIALISTA EM GESTÃO EDUCACIONAL

Jaqueline Ortiz Ritter

**Tio Hugo, RS, Brasil
2011**

O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO *BULLYING*

por

Jaqueline Ortiz Ritter

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**

Orientadora: Prof^ª. Me. Maiane Liana Hatschbach Ourique

**Tio Hugo, RS, Brasil
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

A comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização em Gestão Educacional

O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO *BULLYING*

elaborada por
Jaqueline Ortiz Ritter

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

Comissão Examinadora

**Maiane Liana Hatschbach Ourique (Me., UFSM)
(Presidente/Orientador)**

João Luiz Ourique (Dr., UFPel)

Leila Adriana Baptaglin (Me., UFSM)

Tio Hugo, 15 de janeiro de 2011.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO *BULLYING*

AUTORA: JAQUELINE ORTIZ RITTER

ORIENTADORA: MAIANE LIANE HATSCHBACH OURIQUE

Local e Data da Defesa: Tio Hugo, 15 de janeiro de 2011.

Bullying é um fenômeno social em que uma pessoa ou grupo tenta ferir ou controlar outra de forma prejudicial. É um comportamento ligado à agressividade física, verbal e psicológica e, embora possa acontecer em todos os lugares e atinja todas as classes econômicas, é mais facilmente detectado no âmbito escolar. Tal prática passa muitas vezes despercebida pelos professores ou é configurada simplesmente como “brincadeiras de mau gosto”, algo “próprio da idade”. O objetivo deste trabalho foi o de verificar a ocorrência do fenômeno *Bullying* numa escola pública, relacionar os dados apurados aos casos existentes na literatura e apontar aos gestores escolares possíveis medidas a serem tomadas quando há incidência do fenômeno nas escolas. Os dados da pesquisa foram apurados em questionários aplicados a cem alunos do ensino fundamental (5.^a a 8.^a séries) de uma escola pública estadual no município de Soledade/RS e referem-se ao ano letivo de 2009. Os resultados foram avaliados e analisados a partir da realidade em que tais situações de violência acontecem. Ainda, apresentam-se algumas sugestões dos alunos entrevistados como forma de se prevenir e/ou amenizar as situações de prática do *Bullying* no ambiente escolar. Neste processo, é importante ressaltar o papel fundamental da escola e da família em buscar formas de prevenir e minimizar esse problema, no ambiente escolar, não apenas deixando a responsabilidade nas mãos dos professores.

Palavras-chave: *Bullying*, Violência, Escola.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO BULLYING
(THE SCHOOL'S PERFORMANCE IN THE PRESENCE OF BULLYING)
AUTHOR: JAQUELINE ORTIZ RITTER
ADVISER: MAIANE LIANE HATSCHBACH OURIQUE
Local e Data da Defesa: Tio Hugo, 15 de janeiro de 2011.

Bullying is a social phenomenon that a person or group try to control and hurts another person completely. It is a behavior in connected to physical aggression, verbal and psychological and, however it can happen everywhere and get all economic classes, and it's more eassily detected in the school. This practice usually is undetected by teachers or it is set simply simply as "jokes in bad taste" something of "their own age". The objective of this work was to verify the occurrence of this phenomenon in public school, relating the finding cases on the literature, showing to the school administrators some action they can adopt when it happens. Those research data were verified on questionnaires applied in a hundred elementary school students (5 th- 8th grades) from a state in the city school of Soledade,RS and refers to the 2009 academic year. All The results were evaluated and analyzed based on a real situation violence. We, also present some suggestions of the students interviewed as a way to prevent and/or reduce those situations of bullying in school. At this process it`s important to say how significant is school and family look ways to prevent and minimize this problem, the school not only leaving responsibility on the teachers hands.

Keywords: *Bullying*, Violence, School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 CONCEITOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO ESCOLAR	09
2 A OUTRA FACE DA INCLUSÃO: <i>BULLYING</i> NO COTIDIANO ESCOLAR	14
2.1 Conceitos e Diferentes Formas de <i>Bullying</i>	14
2.2 Breve histórico de estudos de <i>Bullying</i> realizados no mundo	19
2.3 Alguns casos de supostas consequências de <i>Bullying</i>	21
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1 Resultados da Pesquisa.....	25
3.2 Análise e discussão dos dados da pesquisa	31
3.3 Sugestões para combater o <i>Bullying</i> na escola	33
3.4 Estado aprova lei <i>antibullying</i>	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS	40
ANEXO A - Questionário de Pesquisa	41

INTRODUÇÃO

O tratamento interpessoal nas escolas, especialmente entre os alunos, tem mudado muito nos últimos anos. Infelizmente esta mudança é para pior. A experiência docente pede uma reflexão em torno do que pode ser classificado como baixa tolerância aos “problemas” alheios e o que podem ser atos discriminatórios para com alguns alunos ou grupos de alunos.

Modernamente pode-se chamar esta intolerância de *Bullying*, porém o fenômeno sempre existiu, muitas vezes em comentários velados dos próprios professores. Mas os casos de agressão entre alunos têm chocado pela forma violenta e repetida como vêm se apresentando.

Como não é um fenômeno isolado, as comunidades escolares das cidades do interior do Brasil, como Soledade, no Rio Grande do Sul, por exemplo, também são atingidas. Isso leva a uma reflexão de que postura se está adotando no sentido de entender, intervir e evitar que o *Bullying* se propague em nossas escolas. Diante disso, este trabalho procurará, dentro da literatura disponível e através de uma averiguação dos dados *in loco*, expor a ocorrência de *Bullying* na Escola Estadual de Ensino Médio Júlia Lopes de Almeida.

Bullying é um fenômeno social em que uma pessoa ou grupo tenta ferir ou controlar outra pessoa de forma prejudicial. É um comportamento ligado à agressividade física, verbal e psicológica e, embora possa acontecer em todos os lugares e atinja todas as classes econômicas, é mais facilmente detectado no âmbito escolar. No entanto, por possuir características particulares, não pode ser considerado apenas um tipo de violência escolar. É

mais do que isso: não acontece a partir de um motivo pré-determinado e não se dá com conflitos normais ou brigas entre discentes, e sim, com atos de intimidação repetida contra vítimas vulneráveis e incapazes de defesa e a existência de espectadores que, por medo de se tornarem vítimas futuras, não agem em defesa das vítimas.

Sabe-se que a prática do *Bullying* no ambiente escolar não é um fator novo, ela, apenas não era tratada com tanta ênfase como nos dias atuais. Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo diagnosticar ações de *Bullying* praticadas na escola, visando à redução desse comportamento agressivo, com vistas à conscientização sobre os danos causados – principalmente a terceiros – às sanções previstas em lei para casos de violência física.

A justificativa desta pesquisa fundamenta-se na assertiva de que o *Bullying* é fenômeno mundial. Parte do pressuposto de que suas determinações ainda não estão claras e, por isso, é de difícil detecção. A prática passa muitas vezes despercebida pelos professores ou é configurada simplesmente como “brincadeiras de mau gosto”, algo “próprio da idade”. É importante, portanto, esclarecer o que está por trás destas explicações corriqueiras, cuja natureza das ações de violência pode muito mais justificá-las do que contribuir para suprimi-las do contexto educativo.

Desse modo, o trabalho organiza-se em três seções: na primeira, o *Bullying* é apresentado a partir do enfoque da “Pedagogia da Inclusão”, destacando-se algumas considerações fundamentais desse contexto teórico na atualidade.

Compreende-se que a transformação da escola não é, portanto, conforme Mantoan (1997): “uma mera exigência da inclusão escolar de pessoas com deficiência e/ou dificuldades de aprendizado”, mas também a inclusão de todas as diferenças, entendida como um compromisso inadiável das escolas. É esta perspectiva que o Capítulo I quer marcar como importante para a compreensão da atualidade do discurso sobre o *Bullying*.

Considera-se que a maioria das escolas ainda está longe de se tornar inclusiva, pois o que se percebe, em geral, são escolas que desenvolvem projetos de inclusão parcial, os quais não estão associados a mudanças de base. Assim sendo, a escola inclusiva deverá redefinir-se, colocando, em ação, alternativas pedagógicas que favoreçam a todos os alunos, o que implica na atualização e desenvolvimento de conceitos e práticas escolares compatíveis com esse grande desafio.

Na segunda seção, procurou-se destacar a problemática do *Bullying* no cotidiano escolar, considerando-se que essa prática não se reporta apenas à violência física, conforme aponta Fossatti (2010): “o problema do *Bullying* também está presente quando uma pessoa é humilhada na frente de todos, quando é chamada de algo que detesta, quando é excluída de um círculo social por puro desprezo e quando é obrigada a passar por situações de constrangimento”.

Os praticantes do *Bullying* são pessoas que intimidam os outros e mostram aversão e desprezo por aqueles que estão tentando machucar ou constranger. A prática dessa agressão demonstra um desejo peculiar de se sentir superior, mas na verdade isso torna a pessoa amarga, má e infeliz.

Finalmente, na terceira e última seção, além de retratar-se o *Bullying*, no contexto escolar, faz-se uma análise dos dados coletados na pesquisa de campo, em que os alunos da escola em questão admitem ocorrer casos de práticas de *Bullying* no contexto escolar, tendo sido os resultados avaliados e analisados a partir da realidade em que tais situações de violência acontecem. Ainda, apresentam-se algumas sugestões dos alunos entrevistados como forma de se prevenir e/ou amenizar as situações de prática do *Bullying* no ambiente escolar, bem como faz-se referência à criação do projeto da lei *antibullying* para as escolas do Estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de coibir atos violentos dentro do contexto escolar.

1 CONCEITOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO ESCOLAR

Ao analisar o contexto escolar é possível dizer que a temática da qualidade da educação é um dos assuntos mais polêmicos atualmente. Entre pesquisadores, professores e comunidade escolar em geral, uma das grandes preocupações se refere às estatísticas das causas em torno da evasão e da repetência escolar.

“Entende-se por qualidade da educação aquela que acontece por meio do desempenho, da formulação e da implantação de políticas públicas inclusivas no Brasil” (BRASIL, MEC, 2007). Nesse sentido é que se avaliam as práticas pedagógicas, ou seja, se elas vêm contemplando a todos indistintamente, sem se deter a qualquer tipo de preconceito ou julgamento que não seja o de uma prática emancipatória, inclusiva, de caráter humanista

No entanto, é preciso lembrar que o conceito de qualidade em educação pode ter várias interpretações, pois depende da concepção que o educador, os especialistas em educação, os coordenadores pedagógicos, e os próprios integrantes da equipe diretiva das escolas tenham dos fins do processo educativo e dos rumos que devem ser seguidos na formação do ser humano. Também se deve fazer uma referência às entidades que compõem as comunidades escolares, como os Conselhos Escolares, Círculos de Pais e Mestres e os Grêmios Estudantis, que têm uma grande parcela de participação da vida da comunidade escolar, como um todo.

Para Pigatto,

Quando se fala em inclusão social, deve-se ter bem claro o que realmente significa esta expressão tão presente hoje nos discursos educacionais. A inclusão social refere-se a colocar na escola, na sala de aula chamada de “regular”, todos os alunos, independentemente da sua condição social, psicológica, física e mental. Para tanto, é preciso repensar o perfil do professor/educador, com o intuito de se ter êxito na proposta da inclusão social. A inclusão social no âmbito escolar tem como objetivo principal a qualidade de vida do educando e do educador, para que alunos e professores possam aprender a conhecer, aprender a fazer, a conviver, a ser, de forma mais saudável por meio de uma proposta de educação social. Sob esta ótica, a qualidade passa a ser compreendida como uma possibilidade de ações intrínsecas que integram alunos, professores, comunidade (2010, p.2).

A educação tem o dever de demonstrar que a ação e a transformação tornam-se possíveis a partir da “importância de sua tarefa político-pedagógica” (FREIRE, 1975, p. 44). Nesta perspectiva, o professor não deve reproduzir os estigmas da ideologia dominante, mas instigar a reflexão, a crítica, despertar princípios e valores para a ética. E a escola se comprometerá com uma postura ética se evidenciar sua intenção de se tornar uma instituição voltada para a educação inclusiva.

Para Mantoan,

[...] a inclusão é um desafio que, ao ser devidamente enfrentado pela escola comum, provoca a melhoria da qualidade da educação básica e superior, pois para que os alunos com e sem deficiência possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que essa escola aprimore suas práticas a fim de atender às diferenças. Esse aprimoramento é necessário, sob pena de os alunos passarem pela experiência educacional sem tirar dela o proveito desejável, tendo comprometido um tempo que é valioso e irreversível em suas vidas: o momento do desenvolvimento (1997, p.27).

Um dos marcos importantes para as discussões sobre as propostas pedagógicas de cunho inclusivo foi uma Conferência Mundial realizada na Tailândia, em 1990, tendo como objetivos: proporcionar uma educação básica a todas as crianças e reduzir drasticamente o analfabetismo entre os adultos até o final da década. Depois disso, em 2000, o Fórum Mundial da Educação que aconteceu em Dacar, no Senegal, reafirmou o empenho no “Projeto Educação para Todos” e determinou que até 2015 todas as crianças deverão ter acesso à educação básica gratuita e de boa qualidade. Seus objetivos são seis:

- 1) desenvolver e melhorar a proteção e a educação da primeira infância, nomeadamente das crianças mais vulneráveis e desfavorecidas;
- 2) proceder de forma a que, até 2015 todas as crianças tenham acesso a um ensino primário obrigatório, gratuito e de boa qualidade;
- 3) responder às necessidades educativas de todos os jovens e adultos, tendo por objetivo a aquisição de competências necessárias;
- 4) melhorar em 50% os níveis de alfabetização dos adultos, até 2015;
- 5) eliminar a disparidade do gênero no acesso à educação primária e secundária até 2015 e instaurar a igualdade nesse domínio no ano de 2015;
- 6) melhorar a qualidade da educação (UNESCO, 1994).

A “Declaração de Salamanca” visa à escola inclusiva e tem como princípio que “todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter” (UNESCO, 2001).

Na sequência, o documento esclarece ainda que:

A partir dessas discussões mundiais, as escolas inclusivas têm a tarefa de reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos, através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades para alcançar os objetivos propostos.

Nas escolas inclusivas, crianças que requerem atendimento educacional especializado devem receber qualquer suporte extra requerido para assegurar uma educação efetiva. Desse modo, pode-se entender que a Educação Inclusiva é o modo mais eficaz para a construção da ideia da solidariedade entre crianças especiais e seus colegas (UNESCO, 2001).

“A educação inclusiva é uma proposta de educação voltada ao social, pois visa a incluir todos no sistema através da educação, numa proposta de educação permanente” (FAURE, 1974). Assim, cabe à escola criar oportunidades para que o seu sistema educacional, a sua prática pedagógica contemple a todos, sem qualquer tipo de distinção, e o seu princípio regulador deve ser o de providenciar a mesma educação a todas as crianças, prover assistência adicional e apoio às crianças que assim o requeiram em função das suas particularidades.

Nesta perspectiva, a inclusão se preocupa com todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas, entre outras, de modo que todos possam participar do processo de ensino e aprendizagem de forma democrática, recreativa, sistematizada e saudável.

Ainda que já tenham se passado décadas das primeiras discussões sobre o significado da inclusão para a educação, muito ainda precisa ser mudado, pois, de acordo com Mantoan:

A educação escolar no Brasil tem ainda um caráter eminentemente excludente, segregativo e conservador. A proposta de se incluir todos os alunos em uma única modalidade educacional, o ensino regular, tem se chocado com o conservadorismo de nossas escolas e com uma cultura assistencialista/terapêutica da Educação Especial. [...] A situação perpetua desmandos e transgressões ao direito à educação e à não discriminação que algumas escolas e redes de ensino praticam, por falta de um controle efetivo dos pais, das autoridades de ensino e da justiça em geral. [...] Problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-a unicamente à inserção de alunos com deficiência no ensino regular e desconsideram os benefícios que essa inovação educacional propicia à educação dos alunos em geral, ao provocar mudanças de base na organização pedagógica das escolas e na maneira de conceber o papel da instituição escolar na formação das novas gerações (2001, p. 4).

Ainda segundo a autora, “não podemos negar que o nosso tempo é o tempo das diferenças e que a globalização tem sido, mais do que uniformizadora, pluralizante, contestando as antigas identidades essencializadas” (2001, p. 6).

A convivência, o reconhecimento e a valorização das diferenças é primordial à nossa existência. Assim, a exclusão escolar pode se manifestar de maneiras distintas e perversas e, na maioria dos casos, o aluno mesmo ignora essa situação, devido a cientificidade do saber escolar. Em outras palavras, “a escola exclui os que ignoram o conhecimento que ela valoriza e, entendendo a democratização como massificação do ensino, não cria oportunidades para um diálogo entre os novos saberes que invadiram seu espaço” (MANTOAN, 2001).

Observa-se que mesmo diante das resistências, a escola está convivendo com esses novos saberes, que são trazidos pelas diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, pelas diferenças que estão sendo, pouco a pouco, reconhecidas e valorizadas em suas turmas (MANTOAN, 2001).

Uma escola que se diga “para todos” requer teorias compatíveis com as práticas educacionais. As insituições escolares a partir de rrecortes da realidade, dividindo os alunos ditos “normais” e os que apresentam deficiências, dividem ainda as modalidades de ensino, as diferentes categorias que nelas atuam. “A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno que ignora o que é subjetivo, afetivo, criativo, elementos vitais e sem os quais não se conseguirá romper com o velho modelo escolar e fazer a reviravolta que inclusão propõe” (NAKAYAMA, 2007).

De acordo com Silva,

[...] a diferença vem do múltiplo e não do diverso. Tal como ocorre na aritmética, o múltiplo é sempre um processo, uma operação, uma ação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irredutíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado – da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico (apud MANTOAN, 2001, p. 77).

Assim, pode-se entender que a diferença traz consigo significados para a compreensão das diversidades culturais, educacionais, sociais, enfim, em todos os segmentos há que se conviver e compreender que o diferente nem sempre deve ser visto como algo que dificulte o sentido da vivência e da sociabilidade. Num grupo, numa sala de aula, numa organização e/ou instituição, a diversidade tem que ser respeitada e tratada como elemento que integra a vida em comum.

2 A OUTRA FACE DA INCLUSÃO: *BULLYING* NO COTIDIANO ESCOLAR

Embora sendo um fenômeno recente no âmbito da educação, o *Bullying* pode ser caracterizado como uma das formas, veladas ou não, de exclusão de diferentes grupos humanos e se apresenta, também, de forma diversa.

Na sequência, apresentam-se os conceitos e as diferentes formas de *Bullying*, seguidos de um breve histórico de seu surgimento, bem como o relato de alguns casos onde este comportamento se manifesta.

2.1 Conceitos e Diferentes Formas de *Bullying*

Basicamente, o *Bullying* pode ser definido como uma atitude exibida sem um motivo aparente, de forma covarde, intencional e repetida, manifestada numa relação desigual de poder, a fim de tirar a paz de suas vítimas predestinadas. Quando não causam sequelas físicas, esse comportamento provoca consequências psicológicas ou emocionais graves nas vítimas, pois as atitudes agressivas não têm um motivo justo, e são adotadas por um ou mais estudantes contra outro.

Fante assim define tal comportamento:

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (2005, p. 27).

O *Bullying* é a forma mais cruel de violência, pois tal nível de agressividade torna suas vítimas reféns da ansiedade e de emoções que interferem negativamente nos seus processos de aprendizagem e convívio social, devido à excessiva mobilização de emoções de medo, de angústia e de raiva reprimida. Isso pode ser decisivo no incentivo à evasão escolar e ao ingresso desses alunos no mundo das drogas e do crime; ou, então, a gerar pessoas psicologicamente desestruturadas, que poderão vir a cometer violência doméstica e adotar características anti-sociais (COLOVINI e COSTA, 2007).

Acredita-se que o *Bullying* é um problema mundial e indeterminado de opressão, pois está presente em escolas tanto públicas quanto particulares. Registra-se frequentemente a deficiência do sistema educacional em tratar das situações conflitantes decorrentes desse fenômeno.

Há registros de ocorrências de pessoas que sofriram *Bullying*, ou seja, pessoas que eram vítimas do fenômeno e que, em atos de extremismo, para findar seu sofrimento, cometeram homicídio seguido de suicídio. De acordo com a literatura, nem sempre as vítimas desses homicídios eram seus agressores/intimidadores (FANTE, 2005).

Periodicamente, a mídia aborda casos de ações negativas envolvendo cada vez mais um contingente maior de jovens infratores relacionados a fatos que escandalizam a sociedade como um todo e, segundo estudos, podem ser provocados pelo fenômeno *Bullying*.

De acordo com a definição de Alessandro Constantini:

O *Bullying* trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (2004, p. 69).

O *Bullying* pode ser explicado por conflitos entre discentes, no ambiente escolar, sem aparentemente um “porquê” para acontecer, marcado pela hostilidade entre estudantes e com reincidência, inclusive entre os mais novos. Porém, acredita-se que a criança desconhece a diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado, pois pode cometer atos maldosos, sem saber que é maldade. *Bullying* é o nome dado para o comportamento agressivo de estudantes em ambiente escolar, caracterizando-se por um comportamento sem motivo aparente, com intenção de lesar alguém. Ocorre de forma intermitente e é acionado por um ou mais estudantes contra outro ou um grupo, configurando uma relação de poder desigual. Existem vários tipos de comportamentos que podem ser caracterizados como *Bullying*, desde ofensas, xingamentos, discriminação, provocação e agressão física e/ou moral.

As várias formas em que o *Bullying* se apresenta, foram pesquisadas pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), uma entidade não-governamental, criada no Brasil, em 1988, que aponta este termo como:

[...] todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre pares, no ambiente escolar, e o desequilíbrio psicológico, são as características essenciais, tornando possível a intimidação da vítima (apud OLIVEIRA, 2007, p.3).

As pesquisas apontam que as vítimas de *Bullying* frequentemente não encontram condições de recuperação após as intimidações, por se verem fragilizadas e abaladas física e/ou psicologicamente. No espaço escolar, dificilmente encontram apoio ou a cessação das situações que desencadearam o fenômeno.

É necessário um trabalho multidisciplinar a fim de dar apoio às vítimas de *Bullying*. Conforme Alessandro Constantini:

[...] para a vítima, sair desse papel significa emancipar-se de uma situação de sofrimento e de absoluta impotência psicológica. Ações concretas que rompam com esses sentimentos, e que demonstrem que a realidade é totalmente modificável, podem dar-lhe aquele empurrão necessário para tomar coragem e mudar a maneira de uma vítima ser a si mesmo (2004, p. 74).

Enquanto a vítima não encontra ajuda necessária, o agressor/intimidador também dificilmente encontra quem o faça cessar e/ou o conscientize e o sensibilize para a boa convivência em sociedade.

A violência interfere no convívio social e prejudica a qualidade das relações sociais. Implica, para as pessoas, a quebra de regras de convívio, corrompe as pessoas. E os crimes, na maioria dos casos, estão relacionados com as contravenções, ocasionando grandes problemáticas sociais.

Nesse sentido, pode-se observar que as práticas de *Bullying* trazem, para a vida de suas vítimas, conseqüências muito sérias que nem mesmo o tempo pode apagar ou amenizar, além de também proporcionar seriíssimos casos de depressão, baixa auto-estima nos autores desses atos. Para Costantini, “o contexto relacional e psicológico que se produz com o *Bullying* é típico de um sistema em grupo fechado, problemático, que não encontrou brechas para desenvolver positivamente as relações entre seus membros” (2004, p. 74).

Em um grupo determinado, como por exemplo, em uma sala de aula, esta classe torna-se o espaço para as dinâmicas negativas, nas quais as relações internas, entre os companheiros, transformam-se em rituais de intimidação das vítimas e de passividade, indiferença e impotência dos espectadores. Para fugir a essas situações indesejáveis, as vítimas se isolam. É possível à vítima de *Bullying*, quando estiver fora da escola onde estuda, trocar de grupo ou escolher novas amizades, porém dentro da escola, ou mais especificamente em sala de aula, a vítima se torna obrigada a conviver com seus agressores/intimidadores e os espectadores de seu sofrimento, por todo seu percurso escolar.

Devido ao fato de o *Bullying* envolver adolescentes imaturos, que estão vivendo a fase de mudança física e psicológica entre a infância e a juventude, sabe-se que o mesmo atinge principalmente os indivíduos que estão na adolescência, que é a fase mais difícil de serem educados, de acordo com relatos de profissionais da área da educação. A adolescência é o período da vida que se caracteriza entre a infância e a idade adulta. Tem início na puberdade com o surgimento das características sexuais secundárias e termina com o fim do crescimento. Entretanto, Bee (1997) afirma fazer mais sentido pensar na adolescência como o período que se situa, psicológica e culturalmente, entre a meninice e a vida adulta, ao invés de uma faixa etária específica.

Outra forma de *Bullying*, também muito presente e violenta, é a que se dá através dos meios de comunicação, em especial a Internet. Atualmente o “Orkut” é o principal meio virtual de agressões, ridicularizações, fofocas e outros modos de *Bullying* entre os jovens. A essa modalidade de agressão, dá-se o nome de *cyberbullyng* ou *Bullying Virtual*, como abordado pela reportagem exibida pela Rede Globo, no Fantástico, dia 29 de abril de 2007.

Nunca se falou tanto de violência nas escolas, como agora. O jovem está cada vez mais cedo, se envolvendo com atos violentos. O que acontece no ambiente escolar leva a entender que a escola constitui-se num laboratório de práticas de violência. Dessa forma, o espaço formativo de segurança e refúgio da paz torna-se cenário de confrontos e formação de gangues, invadindo os espaços externos e fazendo com que os docentes e a comunidade, como um todo, sejam alvo da violência (LOPES, 2004).

O tipo de violência que ocorre nas escolas, o fenômeno *Bullying*, apresenta-se com características de indisciplina e ato infracional. O que pode parecer uma brincadeira, pode se tratar, de uma agressão, intimidação, podendo ocorrer nos pátios, na hora do recreio ou intervalos e nos arredores da escola.

A comunidade escolar deve estar atenta aos comportamentos dos alunos, aos problemas de indisciplina e violência dentro e fora do contexto escolar. Muitos autores da temática da violência nas escolas, dentre os quais Sposito (1998) e Colombier (1989), procuram analisá-la a partir das questões relacionadas à violência simbólica, presente na relação pedagógica. Ela é compreendida como sendo a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos e o ensino sendo um desprazer onde o jovem não tem interesse. Por outro lado, alunos insistentes são os que, embora tenham abandonado os estudos, ainda estão matriculados e vão à escola para desfrutar de um mínimo de convívio social. Querem jogar, namorar, perturbar a aula, marcar presença forte, prejudicando o funcionamento da rotina da escola. Eles fazem parte de um contingente de evadidos da escola que poderiam ser readaptados e integrados no trabalho escolar (ABRAMOVAY e RUAS, 2003).

A violência escolar tem sido um assunto de difícil compreensão. Muitos educadores não conseguem ou não sabem como administrar esse tipo de situação, muito menos esses alunos, que se tornaram reféns desses atos.

2.2 Breve histórico de estudos de *Bullying* realizados no mundo

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações como incidentes, gozações ou brincadeiras próprias da idade (FANTE, 2005).

Debarbieux e Blaya (2002) afirmaram que a primeira campanha de base escolar de larga escala foi realizada em nível nacional na Noruega em 1983 (*apud* FANTE, 2002).

Dan Olweus pesquisou mais de 84.000 alunos, de 300 a 400 professores e 1.000 pais de alunos, distribuídos nos vários graus de ensino. Nesta pesquisa, ele avaliou a natureza e a ocorrência do *Bullying* entre os jovens pesquisados. Para isso, o autor elaborou um questionário que consistia em 25 questões com resposta de múltipla escolha em que se podiam verificar várias questões, entre elas, a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores. A finalidade de seu questionário era apurar as situações de vitimização e agressão segundo o ponto de vista do próprio entrevistado (FANTE, 2005).

Olweus publicou, em 1993, o livro “*Bullying at School*”, que apresenta e discute os resultados desse estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas.

Em sua obra, o autor apresenta e discute o problema, com os resultados de seu estudo, meios de identificar possíveis vítimas e autores e meios de intervir em casos de *Bullying*. Devido a essa publicação, no mesmo ano (1983), foi criada uma campanha nacional anti-*bullying* nas escolas, apoiada pelo governo norueguês e a partir desta, houve a redução em 50% dos casos existentes nas instituições de ensino, visto que a campanha continha regras bem definidas, apoio às vítimas, envolvimento de pais e professores, conscientização e eliminação de mitos (CONSTANTINI *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Sendo um fenômeno que afeta mais intensamente o ambiente escolar, o *Bullying* não é exclusividade do sexo masculino. As meninas talvez sejam mais atuantes por serem mais dissimuladas em seus ataques e fazendo isso de forma velada.

Rachel Simmons publicou em 2002 o livro “Garotas fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas” onde retrata a percepção a respeito da cultura opressora contra mulheres, que faz com que elas externem sua raiva de forma velada, porém mais cruel, diferentemente dos meninos. O estudo se deu após observação de casos de estudantes europeus (tanto vítimas como agressores) envolvidos em bullying (NOVA ESCOLA, 2005).

Em entrevista publicada em 2004, na 178ª edição da revista brasileira Nova Escola, a professora Rachel Simmons em resposta à pergunta: “Você escreveu que meninos e meninas sentem da mesma maneira, mas não se expressam ou reagem igualmente e por quê?”.

Isso é uma das coisas mais importantes que eu tentei transmitir no livro. A razão pela qual a raiva das meninas parece ser diferente é porque há muitas regras contra isso. Elas crescem aprendendo a serem gentis o tempo todo, sorrindo e fazendo amizade com pessoas. Quando se cresce aprendendo isso, é preciso esconder os verdadeiros sentimentos que surgem na hora da raiva. As meninas têm os mesmos sentimentos dos meninos, sim, mas precisam esconder isso por causa dessas proibições. O que sobra na hora de colocar tudo isso para fora, é fazer comentários, disfarçar, fingir que não estão com raiva quando, na verdade, estão. Elas têm que usar os relacionamentos para ferir os outros, ao invés de usar métodos mais convencionais, geralmente associados aos garotos (SIMMONS, in: NOVA ESCOLA, 2005).

Embora a maioria dos casos de *Bullying* ocorra entre adolescentes, o mesmo não se restringe apenas a essa faixa etária. De acordo com a Psicopedagoga Maria Concebida Fossatti, em entrevista à *Revista Mídia* (Junho/2010), o *Bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por uma ou mais pessoas contra outras, causando dor, angústia e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Ainda, destaca que ocorrem práticas de *Bullying* também entre adultos, citando como exemplos situações que expõem a constrangimento numa relação patrão/empregado, homem/mulher, posições de hierarquia social, nos casos de funções desempenhadas em determinadas fontes de emprego, etc.

2.3 Alguns Casos de Supostas Consequências de *Bullying*

Na sequência, valemo-nos da pesquisa realizada por Juliana Muranetti de Oliveira para compreender melhor os mecanismos que alimentaram alguns casos de *Bullying* ocorridos nos Estados Unidos, na Alemanha, na Argentina e no Brasil, ilustrando, assim, de forma detalhada o fenômeno ora estudado.

Nos Estados Unidos da América, em 1997, na cidade de West Paducah, Kentucky, um adolescente de catorze anos de idade, após a oração matinal na instituição de ensino em que estudava, matou a tiros três colegas e feriu mais cinco alunos. No mesmo país, em 1998, ocorreram mais dois casos, em duas cidades distintas. Na primeira, chamada Jonesboro, em Arkansas, dois estudantes, de onze e treze anos de idade, atiraram aleatoriamente em sua escola, matando quatro meninas e uma professora. O segundo caso foi na cidade de Springfield, Oregon: um adolescente, de dezessete anos de idade, matou a tiros dois colegas e feriu mais vinte alunos

[...] em abril de 1999, [...] dois jovens, Eric Harris e Dylan Klebold, entraram na *Columbine High School*, na cidade de Littleton, no Estado do Colorado, fortemente armados, e assassinaram doze colegas e uma professora antes de cometerem suicídio.

Já na Alemanha, em 1999, um estudante, de quinze anos, matou a facadas uma professora. E em março do ano seguinte outro estudante, de dezesseis anos, matou a tiros o diretor de sua escola e depois tentou suicídio. Em fevereiro de 2001, um jovem de vinte e dois anos, matou a tiros o chefe da empresa onde trabalhava, dirigindo-se depois à sua ex-escola, matou o diretor e se suicidou com explosivos.

Em abril de 2002, na cidade alemã Erkut, um jovem de dezenove anos chacinou dezesseis pessoas, sendo duas garotas, treze professoras, uma secretária e um policial que atendeu o chamado de emergência; em seguida, suicidou-se.

Na Argentina, na pacata cidade de Carmen Patagones, após a execução do Hino Nacional, um adolescente de quinze anos, com uma pistola nove milímetros, matou quatro colegas da escola, sendo três meninas e um menino, ferindo gravemente mais cinco alunos e em estado de choque, posteriormente, entregou-se à polícia.

No Brasil, houve caso semelhante em janeiro de 2003, em Taiúva, cidade do interior paulista, onde um estudante de dezoito anos entrou no colégio onde havia estudado e feriu oito pessoas com disparos de um revólver calibre trinta e oito e, em seguida, se matou. Esse estudante era obeso e, por isso, durante toda a sua vida estudantil, provavelmente, foi alvo de apelidos humilhantes, de gargalhadas e sussurros nos corredores desse colégio. Porém, o caso de Taiúva não foi o único ocorrido no Brasil, pois em Remanso, cidade baiana, um adolescente de dezessete anos, por ser introvertido, foi excluído do círculo de amigos na escola onde estudava. Revoltado com os anos em que fora humilhado no ambiente escolar, resolveu pôr fim ao seu sofrimento e mobilizado pelo pensamento de vingança, dirigiu-se à sua ex-escola à procura do agressor. Não o encontrando, visto que as aulas estavam suspensas, dirigiu-se para aquela em que estava matriculado. Ao se deparar com as portas fechadas e sentindo necessidade de exteriorizar seus sentimentos, encaminhou-se à

casa do seu agressor, um jovem de treze anos e, ao chegar, chamou-o no portão e o assassinou com um tiro na cabeça. Logo após, dirigiu-se para a escola de informática onde estudava, atirou contra funcionários e alunos, atingindo fatalmente a cabeça da secretária da escola, uma jovem de vinte e três anos e ferindo mais três pessoas. Ao tentar recarregar a arma, foi imobilizado e detido. Ao depor, deixou claro o seu sofrimento e sua intenção era cometer uma chacina, pois havia planejado matar mais de cem pessoas. Disse, ainda, que ficaria famoso na cidade por cem anos e seria lembrado (OLIVEIRA, 2007).

Conforme os estudos referentes ao fenômeno, a intenção não é propriamente a de matar determinadas pessoas, visto que muitas vítimas de *Bullying* agem anos mais tarde; mas sim de atentar contra o sistema, contra a escola, uma vez que o cenário destes últimos é onde se dão os ataques físicos e psicológicos.

A falta de “atenção” ou de “preparo” por parte dos adultos (cuidadores, professores) se encontra muitas vezes no âmbito familiar, o que deixa as crianças e jovens sem aporte em relação ao *Bullying*. Conforme Constantini:

[...] é notável que nas famílias dos agressores/intimidadores não é claramente percebido que os valores pertencentes a estas são coerentes à sociedade em que está inserida e, da mesma forma, os pais das vítimas, mesmo cientes das intimidações sofridas por seus filhos, mostram-se despreparados à compreensão a respeito do fenômeno e por esse motivo não o comunicam aos responsáveis pela instituição de ensino onde estudam seus filhos (2004, p. 75).

Em família, muitas vezes por despreparo ou falta de atenção, os relatos das crianças e jovens não é suficientemente compreendido. Segundo dados, elas contam seus problemas aos pais, claramente, mas estes parecem não discernir e agir conforme a gravidade do caso. Pode-se atribuir também à questão dos valores que os pais atribuem às queixas das crianças e adolescentes (CONSTANTINI, 2004).

Um levantamento realizado pela ABRAPIA (2002) com 5875 alunos de 5.^a a 8.^a séries de escolas do município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter se envolvido diretamente em casos de *Bullying* naquele ano; sendo 16,9% alvos e 10,9% alvos /autores. Aponta-se ainda que os meninos se envolvem mais diretamente que as meninas, estas de maneira distinta pois utilizam a prática da exclusão ou difamação (CONSTANTINI, 2004).

Já no estado do Rio Grande do Sul, há constatações de sérios casos de prática de *Bullying*, principalmente em escolas da capital gaúcha conforme noticiado na imprensa escrita e televisada. A seguir transcrevem-se alguns casos de extrema violência entre os adolescentes de algumas escolas, tanto da rede pública, como privada.

De acordo com o *Jornal o Estadão*, de São Paulo, edição de 12/05/2010, o adolescente Matheus Abvragov Dalvit, de 15 anos morreu no final da noite de terça-feira (11/05/2010), em Porto Alegre, após ter levado um tiro de outro jovem de 14 anos, depois de um desentendimento por conta da prática de *Bullying* na escola.

O *Jornal da Record* apresentou na sua edição do dia 12/05/2010 outro caso de *Bullying* no Rio Grande do Sul. Trata-se de um adolescente de 15 anos que foi baleado nas costas quando descia de um ônibus. Ele chegou a pedir ajuda, mas não resistiu e morreu no local. A mãe acredita que o filho tenha sido vítima de *Bullying*. Ela afirma que os alunos riam dele por ser alto e obeso.

Mais um caso de *Bullying* foi noticiado pelo jornal *O Globo* em 17/08/2010. Câmeras de segurança flagraram o momento em que um garoto de 16 anos foi agredido em frente a uma escola, em Passo Fundo, no Norte do Estado. O estudante vinha sendo vítima de *Bullying* por parte dos colegas da escola onde estudava. Antes da briga, o pai da vítima procurou a direção da instituição, registrou a ocorrência, mas não foi suficiente. As imagens mostram o estudante a caminho da escola quando o agressor e mais dois rapazes se aproximam. A vítima tenta pedir ajuda, mas é agredida a socos e pontapés. O funcionário de uma obra chega e intervir. Outra câmera registra o momento em que os agressores fogem. A vítima ficou com os lábios e uma das mãos machucadas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os dados apurados em questionários (Anexo A) aplicados a 100 alunos do ensino fundamental (5.^a a 8.^a séries) de uma escola pública estadual no município de Soledade/RS e referem-se ao ano letivo de 2009. O resultado da pesquisa foi compilado em gráficos e apontam quais as principais formas de *Bullying* presentes no cotidiano daquela escola, bem como a reação dos estudantes diante da manifestação do fenômeno

A Escola Estadual de Ensino Médio Júlia Lopes de Almeida, em Soledade/RS, atende a um público de 485 alunos distribuídos em onze salas de aula, nos períodos manhã, tarde e noite. Os alunos da escola são oriundos do próprio bairro.

A pesquisa exploratória que se deu a partir da aplicação de um questionário com quinze perguntas baseadas na situação-problema e com a intenção de identificar as possíveis causas dos comportamentos violentos existentes. Este trabalho desenvolveu-se como planejamento multidisciplinar da disciplina de Educação Física.

Diante das respostas obtidas e pela observação do comportamento dos alunos, pôde-se ter uma dimensão das situações de violência escolar que ocorriam na escola, o que sugeriu casos relacionados ao *Bullying*. No entanto, é preciso enfatizar que nem toda violência é fruto desse fenômeno, daí a importância de uma investigação mais apurada sobre o que está motivando as situações de conflito.

3.1 Resultados da Pesquisa

Gráfico 1 – Na sua escola, acontecem atitudes repetitivas, agressivas, intencionais sem motivos aparentes, praticadas por aluno, ou grupo de alunos contra outros que causam angústia e sofrimento?

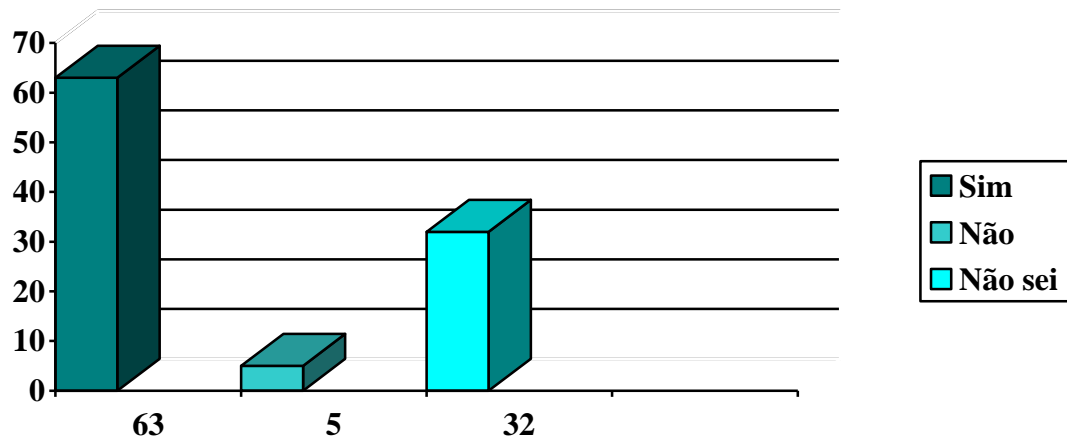


Gráfico 2 – Você já cometeu alguma destas atitudes?

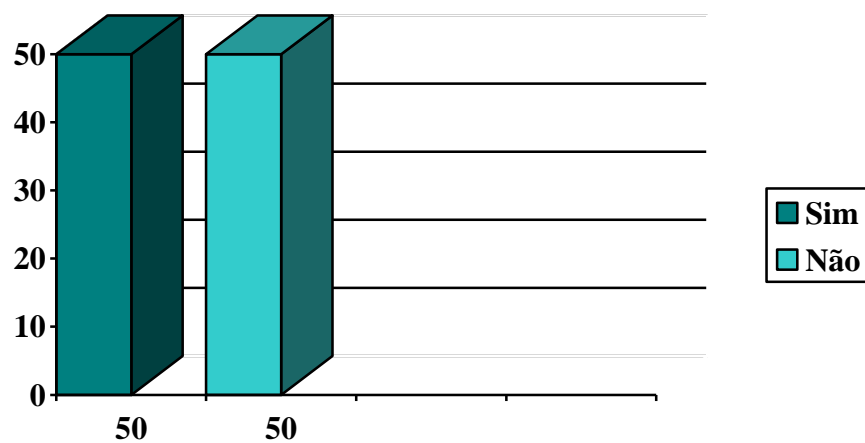


Gráfico 3 – Você já foi vítima de alguma delas?

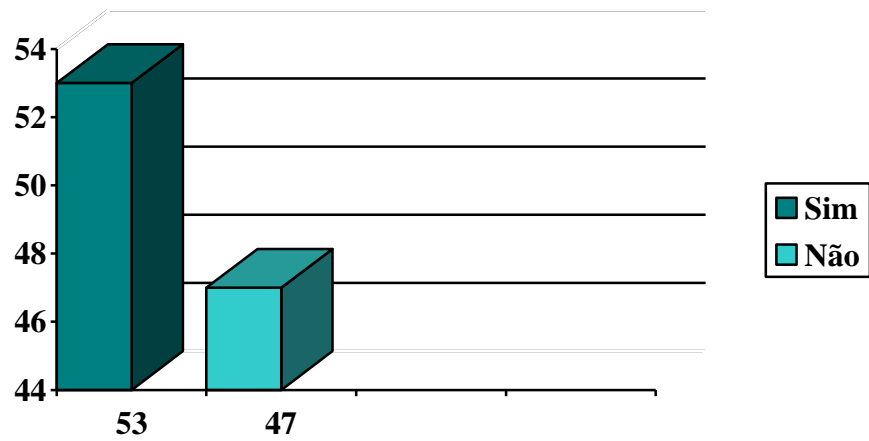


Gráfico 4 – Você foi vítima mas também revidou?

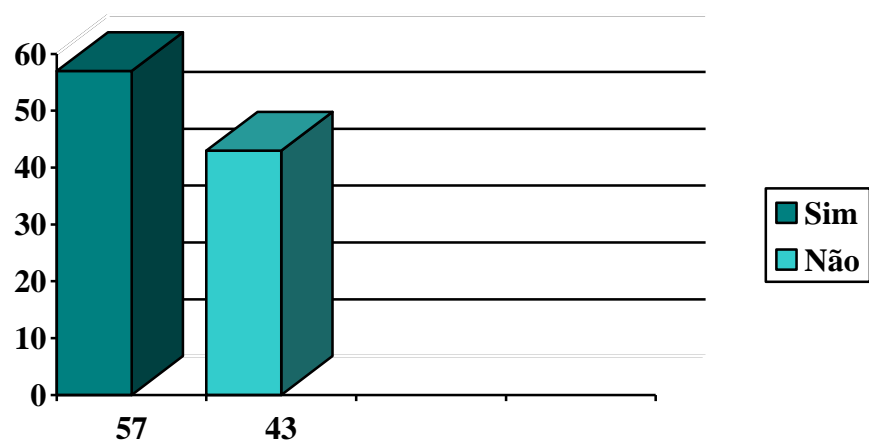


Gráfico 5 – Você viu alguém tendo atitudes agressivas na escola?

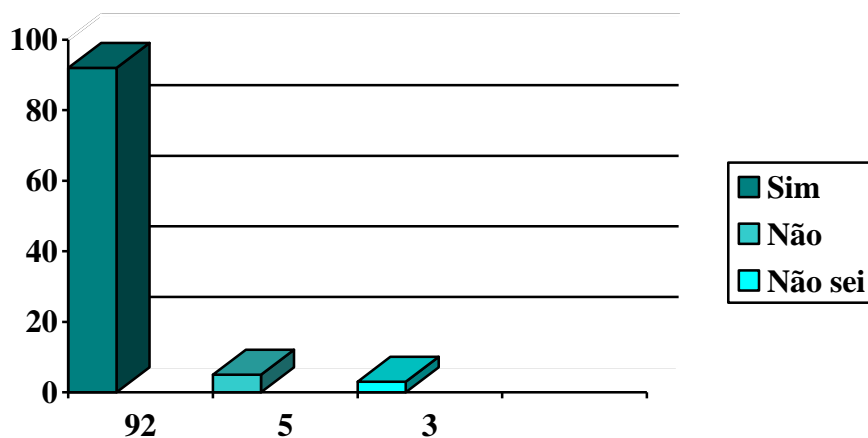


Gráfico 6 – Onde acontecem estas agressões?

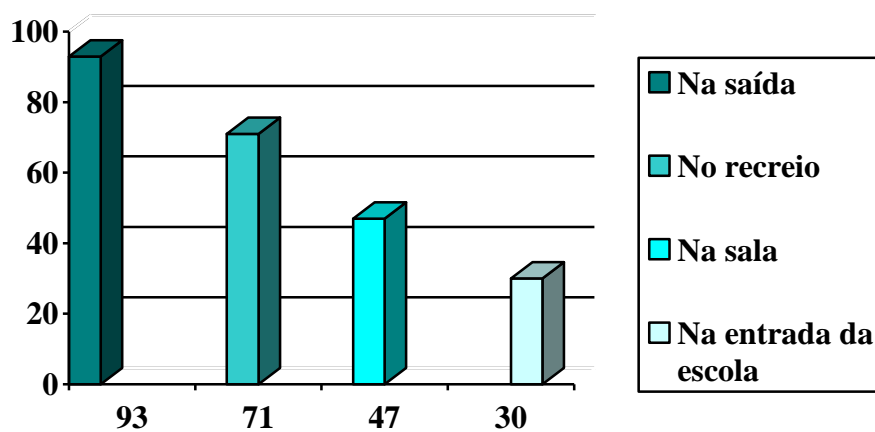


Gráfico 7 – Quem aparece para ajudar?

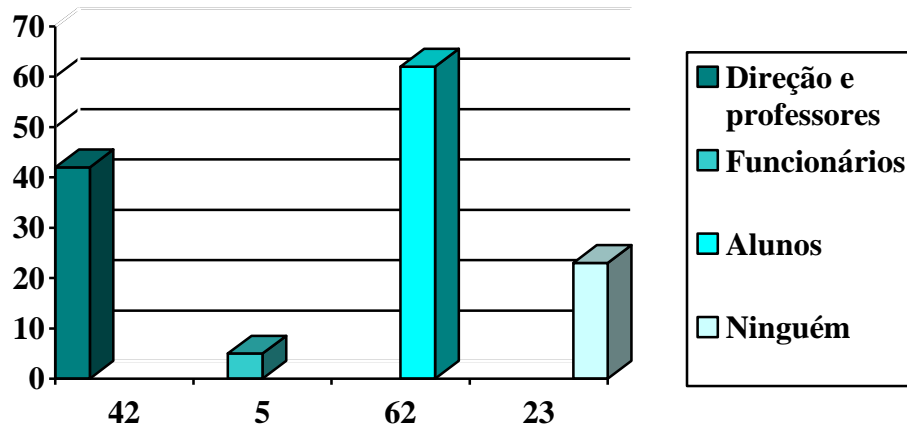


Gráfico 8 – Quando você percebe que nenhuma atitude foi tomada com quem a pratica, você adotaria a mesma atitude do agressor?

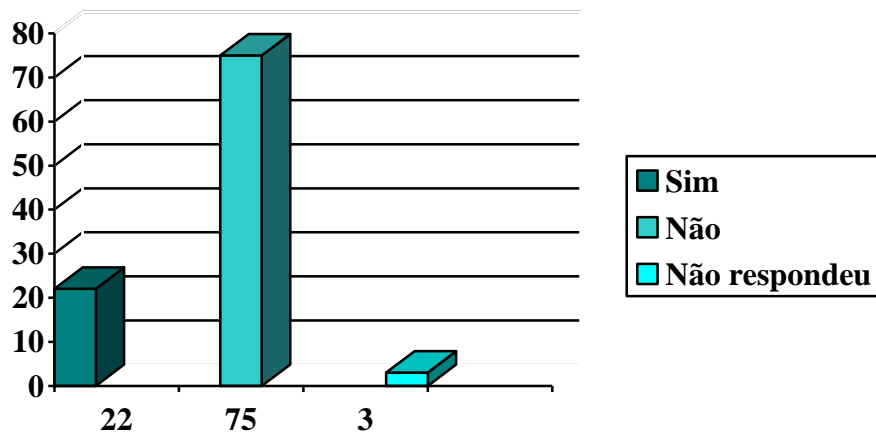


Gráfico 9 – Você já sofreu alguma agressão tipo *Bullying* por alguém de sua família?

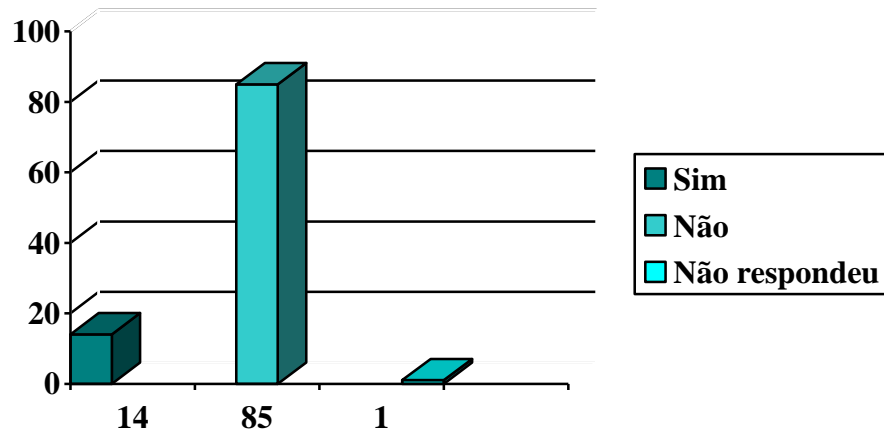


Gráfico 10 – Você já ingeriu ou consome bebida alcoólica?

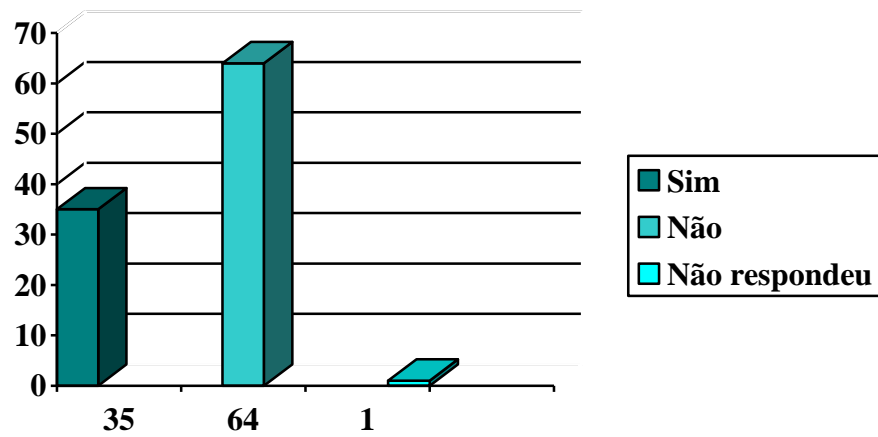


Gráfico 11 – Você conhece algum aluno da escola que consome drogas?

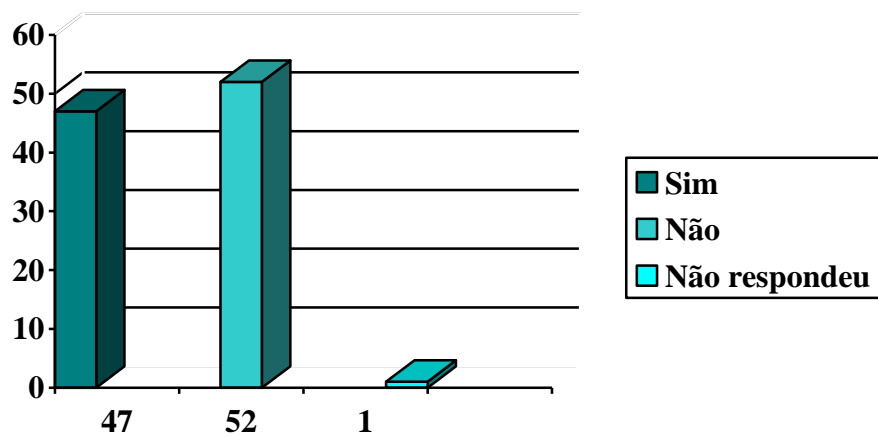


Gráfico 12 – Você já consumiu algum tipo de drogas?

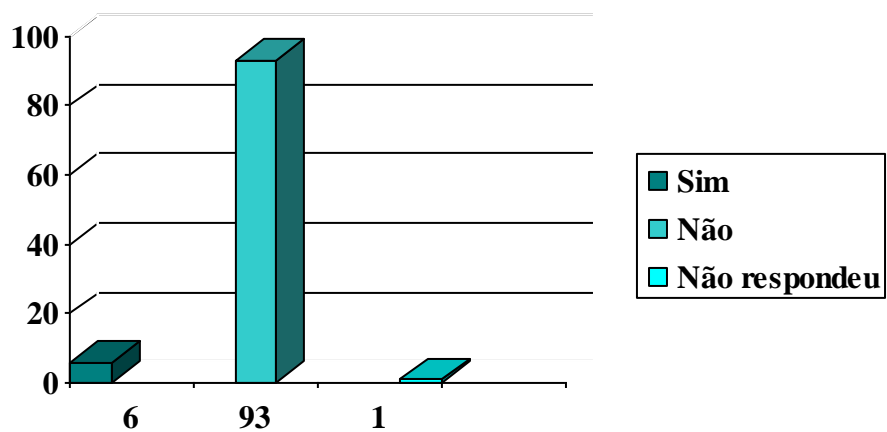
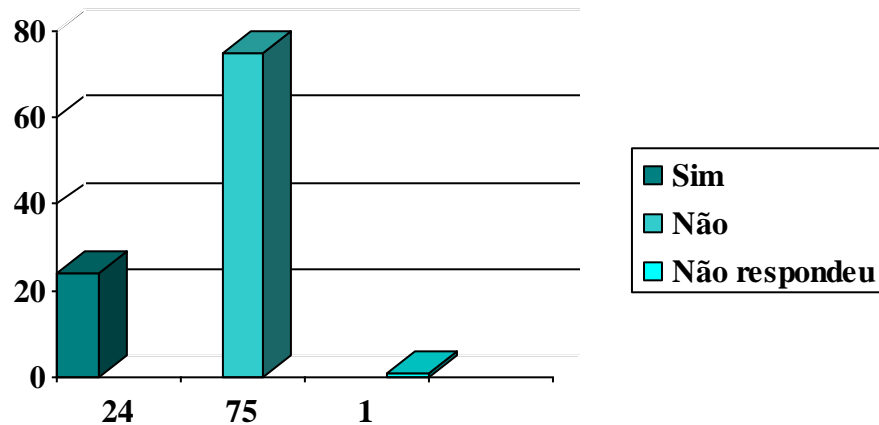


Gráfico 13 – Você já cometeu alguma forma de vandalismo?



3.2 Análise e Discussão dos Dados da Pesquisa

A pesquisa, feita na E.E.E.M Júlia Lopes de Almeida, na cidade de Soledade/RS, no ano 2009, teve como objetivo constatar se há ocorrência do *Bullying* dentro do seu espaço escolar, associada ou não ao uso de drogas, de bebidas alcoólicas e atos de vandalismo, ou mesmo devido à desestruturação no âmbito familiar. Para melhor conhecer a realidade da sua clientela, foi aplicado um questionário com alunos de ambos os sexos, de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

Na pesquisa, os alunos responderam a 13 questões relacionadas ao tema. Através do questionário, pôde-se conhecer o contexto escolar dos adolescentes em questão. Do total de entrevistados, 63% disseram reconhecer o *Bullying* na escola; enquanto 32% não sabiam se aconteciam atos dessa natureza no âmbito da escola. Apesar de 50% dos entrevistados terem afirmado que já maltrataram seus colegas, somente 47% sentiram-se vítimas de agressão. Estes dados, mesmo que percentualmente não sejam muito díspares, podem revelar o alto grau de tolerância que os jovens têm para com as atitudes dos colegas. Por um lado isto é positivo, pois flexibiliza as relações interpessoais, cultivando uma atitude de aceitação para com as

diferenças individuais. Mas, por outro lado, é extremamente preocupante os padrões de respeito e sensibilidade que se ratificam nestas relações, mostrando que mesmo atitudes intencionalmente agressivas são interpretadas pelo outro como naturais ou respeitadas. Dos entrevistados, 53% relataram já terem sido vítimas do *Bullying*, e dentre estes, 47% das crianças afirmaram que não sofreram humilhações. É um problema grave e real nas escolas e muitos dos entrevistados não sabem como lidar com as situações de agressão experimentadas, assistidas ou praticadas no *Bullying*. Do total de cem alunos, 93% já viram alguns colegas cometerem esse tipo de ação, em que a maioria das agressões ocorre na saída da escola.

A intervenção é necessária, mas 62% apontam que apenas os alunos, aparecem para ajudar. Através de informações relevantes, orientações sobre causas e conseqüências, e acompanhamentos. Essa necessidade é reconhecida pelos entrevistados, em que 75% não adotariam as mesmas atitudes dos agressores mesmo não tendo punições, porque eles consideram que mais violência ou mesmo a tentativa de fazer justiça, poderia gerar ainda mais violência.

Alguns itens da pesquisa evidenciaram que, dos cem entrevistados, por exemplo, 64% não consomem bebidas alcoólicas, 75% não cometeram atos de vandalismo e 93% não usam drogas, mas contradiz com os 47% que já presenciaram alunos da escola consumindo. Outro dado que chama atenção é o fato de 36% dos estudantes responderem que já ingeriram algum tipo de bebida alcoólica, visto que a faixa etária dos entrevistados é dos doze aos dezesseis anos de idade, são crianças praticamente. Isso requer uma tomada de consciência e ações mais eficazes que permitam identificar se há, de fato, consumo de algum tipo de droga dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, tanto pais como educadores e sociedade, precisam estar atentos a esse grande problema que afeta a todos, conscientes das causas e conseqüências para ambas as partes.

A conscientização e o acesso à informação, mas principalmente atitudes educativas que comecem na família e continuem na escola e que tenham a participação de toda a comunidade escolar, se tornam elementos de vital importância, a fim de minimizar os efeitos do *Bullying*, coibindo sua prática nas escolas.

3.3 Sugestões para combater o *Bullying* na escola.

As sugestões propostas por alunos e funcionários para a diminuição e/ou erradicação das ações de *Bullying* no cotidiano escolar foram:

1. Aceitar os colegas como eles são.
2. Chamar os responsáveis dos agressores para tomarem ciência dos fatos.
3. Que a escola elabore mais palestras abordando o problema e com maior frequência.
4. Incentivo e apoio às denúncias de *Bullying*.
5. Punição para os agressores.
6. A escola e a família devem conversar sobre o *Bullying* com os jovens.
7. Alunos devem conhecer o problema para ajudar a combatê-lo.
8. Fazer reuniões com os pais para discutirem sobre o *Bullying* e como combatê-lo.
9. Não revidar as agressões.
10. Comunicar aos professores e aos pais quando forem vítimas de *Bullying*.
11. Exigir providências da Direção e punições para os agressores.
12. Ações contínuas de combate ao *Bullying* com palestras e discussão do tema em sala de aula.
13. Ter na escola um profissional apto para atender alunos vítimas do *Bullying*.
14. Um Conselho Tutelar mais atuante e que garanta os direitos e proteção às vítimas de *Bullying* e aos profissionais em educação.
15. Combate, mais eficaz, contra gangues de adolescentes.

16. Um Conselho Tutelar que apoie as escolas quando houver a necessidade de transferência de alunos violentos.

Foram muitas as sugestões dos alunos a fim de se evitar o problema na escola. Muitos indicaram “punição” por parte da direção sugerindo trabalhos extracurriculares e apontaram a importância de informação através de palestras.

3.4 Estado aprova lei antibullying.

Por unanimidade, a Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul aprovou na sessão do dia 25 de maio de 2010, o Projeto de Lei nº 264/2009, de autoria do deputado Adroaldo Loureiro, que estabelece políticas públicas contra a prática do *Bullying* nas instituições de ensino, em território gaúcho.

De acordo com o deputado Adroaldo Loureiro, autor do projeto “a lei *antibullying* tem por objetivo estimular o diálogo e a paz entre alunos, pais, educadores”.

A lei prevê:

Reduzir a prática de violência no ambiente escolar, promover a cidadania e respeito pelos demais, disseminar o conhecimento do fenômeno entre os responsáveis; identificar a incidência e a natureza da prática; desenvolver planos para a prevenção e o combate; treinar os docentes e as equipes pedagógicas para diagnosticar, em caráter preventivo nas escolas; orientar as vítimas e seus familiares e punir os agressores com mecanismos alternativos, a fim de promover a mudança de comportamentos.

Loureiro menciona, ainda, “que as punições podem ser previstas na regulamentação e nos regimentos das escolas, punições a agressões e constrangimento estão pautados no Código Penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do presente estudo, pôde-se constatar a ocorrência de *Bullying* na escola em questão, apontando-se tal fenômeno como extremamente prejudicial à criança e/ou adolescente, uma vez que traz sérias consequências à saúde mental, física e social, seja para as vítimas, seja para os agressores.

Pelo fato de o *Bullying* apresentar agressões repetitivas, suas vítimas sofrem danos irreparáveis ao seu estado psicológico, a ponto de revidar de forma trágica, como suicídio, homicídios, chacinas e até massacres.

Observou-se que as ações dos discentes que apontaram atitudes violentas, casos de *Bullying* e atos de vandalismo poderiam ter como influências possíveis o uso de drogas e de bebidas alcoólicas, bem como ter alguma referência negativa no âmbito familiar, com total ou parcial situações de desestruturação da família.

A pesquisa constituiu-se num excelente instrumento que permitiu avaliar, analisar e descrever um tema tão polêmico e tão em evidência, que é a prática do *Bullying* no âmbito escolar. A partir das referências bibliográficas disponíveis, tanto através dos autores pesquisados, como em artigos na internet, pôde-se verificar que as incidências do *Bullying* estão relacionadas a outros fatores que se tornam determinantes na vida dos adolescentes: desestrutura no ambiente familiar, a não-aceitação das diferenças, a discriminação (em todos os aspectos), em alguns casos uso de drogas, alcoolismo, atos de vandalismo, que acabam

desencadeando situações de violência entre alunos de uma mesma turma, ou mesmo dentro da escola como um todo.

Espera-se que a realização deste trabalho de pesquisa venha contribuir para o entendimento da problemática do *Bullying*, principalmente na escola em que atualmente se trabalha, procurando de forma efetiva, junto a toda a comunidade escolar, encontrar soluções plausíveis contra o problema.

É de fundamental importância que na formação de professores e novos profissionais da área educacional, haja uma preparação para o enfrentamento de problemas dessa natureza. Embora o que se busque seja uma escola cidadã, democrática, igualitária e inclusiva, é preciso que esteja o educador ou qualquer outro profissional atrelado à área educacional, preparado para lidar com situações dessa natureza, buscando desenvolver atitudes saudáveis e relações de igualdade, de respeito, de aceitação e de harmonia em seu ambiente escolar.

Constantini (2004) busca entendimento do que levou os jovens a se tornarem violentos. Para isso, o autor busca evidenciar, situando no tempo e no espaço, as transformações sociais sofridas na família e na sociedade no que diz respeito à criação dos filhos. Analisa o papel da televisão, da telefonia móvel, do computador e da internet, que mudaram e continuam mudando o comportamento dos jovens.

Também cabe ressaltar um fator muito importante diante dessa questão: as mudanças na estrutura da familiar, principalmente. Poder-se-ia comparar a função social e educativa da família, nos tempos modernos, como a de empresas que terceirizam seus serviços. A família, ou melhor, a educação dos filhos nos dias de hoje está terceirizada, considerando-se a necessidade de subsistência, em que a mulher (mãe) necessita trabalhar fora para ajudar no orçamento familiar e deixa os filhos ou nas mãos de empregadas (babás) ou em creches, então a figura da materna não é mais tão presente no meio familiar. Também convém salientar que a mãe trabalhando fora, ao retornar ao lar, cumpre, na grande maioria, uma terceira jornada de trabalho com as atividades domésticas, deixando de lado a atenção, o diálogo e até mesmo o acompanhamento das tarefas escolares, do desempenho dos filhos na escola, de seu comportamento no convívio escolar, etc. Foram as mudanças sociais, as transformações na sociedade, que fizeram com que muitas mães se tornassem trabalhadoras fora de seus lares, o que, de certa forma contribui para um não acompanhamento sistemático na educação dos filhos.

Contudo, não se pode “culpar” de tudo a figura materna, porque a sociedade como um todo mudou de forma muito rápida e muito acentuada. Isso reforça a idéia de que se a família se compromete com a educação de seus filhos, um dos itens mais importantes deve ser a atenção que pode ser dispensada à vida escolar dos filhos, o que permite uma maior aproximação entre escola/comunidade, viabilizando ações conjuntas que permitam a formação do indivíduo e a construção do seu conhecimento de forma interativa. Assim, a presença da família na escola, um acompanhamento da vida escolar dos filhos de forma mais comprometida e responsável, pode evitar situações de violência, como no caso da prática de *Bullying* nas escolas.

Dessa forma, acredita-se que a realização do presente estudo possibilitou, além de uma análise mais crítica com relação aos alunos da Escola em que se trabalha, uma visão diferenciada quanto às questões de relacionamento entre os mesmos, no contexto escolar, detectando-se que há incidência de casos de prática de *Bullying* nas dependências da escola, bem como junto com os próprios alunos, formas de amenizar e/ou prevenir estas práticas. A pesquisa possibilitou, além de estudos e leituras acerca do tema escolhido, uma importante visão no que se refere a compreender as diferenças, aceitando-as e estimulando os alunos a terem consciência de que, numa escola democrática e igualitária, não há diferenças que possam sobrepor-se ao seu verdadeiro objetivo, que é o de ajudar o educando a construir seu próprio conhecimento, enfim, sua bagagem cultural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUAS, M^a das G. **Violências nas Escolas**. 3 ed. Brasília: UNESCO/Instituto Airton Senna/UNAIDS/Banco Mundial USAID/Fundação Ford/Consed/UNDIMES, Versão Resumida, 2003.

ABRAPIA – Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Criança e ao Adolescente. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Rio de Janeiro. 2003.

ANUCCI, M. Z. Trabalho de Conclusão de Curso: **Dificuldades de Aprendizagem: problema ou desafio para a prática docente?**. São José do Rio Preto, [s.n.], 2006.

BEE, H. **O ciclo vital**. Trad. Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COLOVINI, Cristian Ericksson & COSTA, Mara Regina Nieckel da. **O Fenômeno Bullying na percepção dos professores**, ULBRA, 2007.

CONSTANTINI, A. **Bullying**: Como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. São Paulo. Itália. Nova, 2004. 216p.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas – SP: Verus, 2005.

FERRARI, M. Um psicólogo em defesa do aluno. São Paulo, **Revista Nova Escola**, 2004.

FOSSATI, Maria Concebida. *Bullying*. Entrevista. **Revista Mídia**. Soledade/RS, Ed. n. 29, de junho/2010, p. 14.

LOPES, R.B. **Significações de violência na perspectiva de professores que trabalham em escolas “violentas** – Brasília, 2004. 171 f. Dissertação de Mestrado em Educação.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Caminhos Pedagógicos da Inclusão**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2001.

_____. O direito de ser, sendo diferente na escola. IN: **Revista de Estudos Jurídicos**, Brasília, n. 26, jul/set. 2004

MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

NAKAYAMA, Antonia Maria. **Educação Inclusiva: Princípios e Rrepresentação.** [2007].Tese Completa. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/.../tde.../. Acesso em: 22/12/10.

O ESTADÃO SÃO PAULO – Edição de 12/05/2010.

O GLOBO – RIO DE JANEIRO – Edição de 17/08/2010.

OLIVEIRA, Juliana Munaretti de. **Indícios de casos de Bullying no Ensino Médio de Araraquara –SP.** Araraquara-SP, 2007. Dissertação de Mestrado Disponível em: http://www.uniara.com.br/mestrado_drma/arquivos/dissertacao/juliana_muranetti_de_oliveira_2007.pdf. Acesso em: 16/12/10.

OLWEUS, D. **Modelo do programa de combate ao Bullying do Profº Dan Olweus.** 2005. Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - Unesco. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien).** Tailândia: Unesco, 1990a. Disponível em: www.unesco.org.br/publicação/doc-internacionais. Acesso em: 10/5/2010.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - Unesco. **Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais.** 1994. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>. Acesso em: 10/5/2010.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar.** São Paulo: Paulus, 2009.

PIGATTO, Lisete Maria Massulini. **Gestão institucional para a inclusão social na escola e na comunidade.** Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos3/inclusao-social-escola-comunidade/inclusao-social-escola-comunidade.shtml>. Acesso em: 20/9/10.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

SIMMONS, R. A garota fora do jogo: a cultura da agressão nas meninas. IN: **Revista Nova Escola**, nº 178, Rio de Janeiro: Rocco, 2004, 328 p.

SPOSITO, M.P. **A Instituição Escolar e a Violência.** Cadernos de pesquisa,USP, 1998.

UNESCO/CONSED. **Educação para Todos: o compromisso de Dakar.** Brasília –, Ação Educativa, 2001.

ZERO HORA. Quarta-feira, 26 de Maio de 2010. **Combate à Agressão.** Estado aprova lei antibullying.(p.32)

ANEXOS

ANEXO A - Questionário de Pesquisa

CARO ALUNO. POR FAVOR, RESPONDA AO QUESTIONÁRIO ABAIXO

1) Na sua escola, acontecem atitudes repetitivas, agressivas, intencionais sem motivos aparentes, praticadas por aluno, ou grupo de alunos contra outros que causam angústia e sofrimento?

Sim. Não. Não sei.

2) Quais as principais formas de agressão encontradas na sua Escola?

apelidar, pegar no pé, gozar, rir do tipo físico ignorar, isolar
 agredir com palavras, perseguir, amedrontar atitudes racistas
 agredir fisicamente, roubar, quebrar objetos chamar de bicha, sapatão, rapariga

3) Você já cometeu alguma destas formas de agressão?

Sim Não

4) Você já foi vítima de alguma delas?

Sim Não

5) Você já foi vítima mas também revidou?

Sim Não

6) Você já viu alguém tendo atitudes agressivas na escola?

Sim Não

8) Onde acontecem essas agressões?

na saída da escola no recreio/intervalo
 na chegada ao colégio dentro da classe

9) Quem aparece para ajudar a vítima?

professores ou direção ninguém funcionários família

10) Quando você percebe que nenhuma atitude foi tomada com quem a pratica, você adotaria a mesma?

11) Você já sofreu alguma agressão do tipo *Bullying* por alguém da sua família?

12) Você já ingeriu ou consome bebida alcoólica?

13) Você já consumiu algum tipo de drogas?

14) Você já cometeu alguma forma de vandalismo

15) Você já viu algum aluno da escola consumindo drogas?